

## Prefácio

José Sterza Justo

SciELO Books / SciELO Livros / SciELO Libros

JUSTO, JS. Prefácio. In: RESSTEL, CCFP. *Desamparo psíquico nos filhos de dekasseguis no retorno ao Brasil* [online]. São Paulo: Editora UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2015, pp. 15-20. ISBN 978-85-7983-674-9. Available from SciELO Books <<http://books.scielo.org>>.

---



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a [Creative Commons Attribution 4.0 International license](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença [Creative Commons Atribuição 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia [Creative Commons Reconocimiento 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

## PREFÁCIO

O fenômeno migratório acentuou-se consideravelmente ao longo da história da humanidade. Desde suas origens, o deslocamento de um lugar a outro e o alcance de plagas cada vez mais longínquas foram uma das experiências mais importantes que permitiram que o homem conseguisse se constituir como tal e se fortalecer na terra. Recentemente, a mobilidade e os deslocamentos se intensificaram ainda mais com as facilidades dos meios de transporte e de comunicação. As velhas e bastante conhecidas imigração e emigração – o deslocamento de contingentes populacionais de um país a outro, de um continente a outro – hoje assumem feições ainda mais radicais, acentuando a experiência *trans* nos planos psicológico, cultural, social e geográfico. Diferentemente de outros tempos, as imigrações hoje são mais difusas, transgressoras, maleáveis e flexíveis, transpondo as fronteiras nacionais num verdadeiro vaivém constante, seja dos próprios imigrantes, seja daquilo que veiculam de um país a outro, mediante ações materiais ou imateriais capazes de gerar efeitos multilaterais entre países distantes. Efeitos esses, é necessário reiterar, que ocorrem nos planos econômico, cultural, social e subjetivo.

Vivemos num mundo *trans*, a saber, de trânsito, de conexões; um mundo interligado por redes por onde circulam, em direções várias, mercadorias, trabalho, capital, informações, conhecimentos,

cultura, sentimentos, afetos e tudo o mais que o homem é capaz de criar e produzir. Os imigrantes são parte importante dessa rede e se movimentam de tal forma por ela que já não faz muito sentido diferenciar, como antes, as migrações (referidas a deslocamentos regionais dentro de um país) das emigrações (deslocamentos de nacionais para outros países) e das imigrações (vinda de estrangeiros para um determinado país). Também não faz muito sentido diferenciar os países emissores dos países receptores de emigrantes/imigrantes. O Brasil, por exemplo, é um país emissor e ao mesmo tempo receptor dentro dessa ampla maleabilidade do fenômeno migratório, além de, ocasionalmente, receber levas de brasileiros emigrados que retornam, como aconteceu na crise econômica de 2008. No entanto, as reversões de correntes de fluxos migratórios não ocorrem somente nas ocasiões de crise econômica que afetam um ou outro país. A chamada imigração de retorno, embora não tão visível, ocorre frequentemente na experiência comezinha do imigrante, sendo um forte componente da sua subjetividade que, se não o faz voltar, o faz, pelo menos, sonhar com o retorno.

Enfim, trata-se de um fenômeno bastante complexo que, pela sua volatilidade e pelo seu caráter supranacional, pode ser entendido e tratado simplesmente como migração. Porém, diferentemente da migração das aves, que vão e voltam sempre fazendo uma mesma rota entre duas regiões, a migração humana atual não possui direções e alvos fixos, e tampouco possui durabilidade ou desenvolve enraizamentos. Como no caso daqueles imigrantes que vão e voltam e não se sentem mais adaptados a um ou outro lugar, a imigração se inscreve hoje na tendência atual de produção de desenraizamentos e de flexibilização de vínculos.

É preciso também ter ciência de que as migrações atuais são de-  
veras heterogêneas. Seus motivos e sentidos são bastante diversos, tanto no plano individual quanto no plano coletivo de agrupamentos e identidades que se formam nesse tipo de experiência. Em alguns casos, pesam mais razões econômicas e os sonhos de enriquecimento; porém, em outros, é o desejo de aventura, de conhecer outros mundos, de expandir as experiências pessoais, de fugir de agruras

e pesares, de livrar-se de opressões próximas e locais, e assim por diante. Da mesma forma, são diversos os ganhos, as realizações, as conquistas, os sucessos ou os desafios, problemas, frustrações e sofrimentos vividos na experiência migratória.

Muitos emigram sozinhos, ainda jovens; outros decidem emigrar em idade mais avançada; e há os casos de famílias inteiras que emigram (avós, pais e filhos), dentre tantas outras situações. Outra diferença importante diz respeito à migração realizada dentro da oficialidade, dentro das leis existentes e que regulam os fluxos migratórios, e àquela migração insurgente, feita à revelia das leis e que configura os casos dos assim chamados “imigrantes não documentados”.

O fenômeno migratório, hoje, comporta toda essa diversidade de situações, experiências e sentidos, tornando-o um fenômeno de veras complexo. No entanto, enquanto expressão das condições de mobilidade, da hipercinética e da dromologia que grassa o mundo contemporâneo, a imigração carrega consigo essa força comum – a força cinética – que afeta a todos; e não somente a todos os imigrantes, mas também àqueles que não migram no sentido tradicional, isto é, aqueles que permanecem no seu país, em territórios estáveis e bem delimitados, porém realizam percursos curtos e micromovimentações no cotidiano: “migram” de um trabalho a outro, de um relacionamento afetivo ou conjugal a outro, de uma profissão a outra; transitam entre valores morais, entre identidades ou núcleos identitários, entre mercadorias, gostos e estilos fomentados pelo modismo, e assim por diante. De certa forma, podemos dizer que a subjetividade promovida e incitada na atualidade é do tipo nômade, migrante, rizomática, mutante, dispersiva e fractal.

Portanto, estudar e procurar conhecer as migrações atuais é buscar compreender também o funcionamento do nosso mundo, do nosso tempo. A experiência do migrante diz, e muito, da experiência de cada um enquanto *Homo viator*, esse homem viajante, ambulante ou errante, ainda que suas viagens e deambulações se façam pelos sonhos, devaneios ou pela internet e redes sociais.

Este livro, ao focalizar experiências de *dekasseguis*, retrata, antes de tudo, esse mundo de experiências extremas de mobilidade, capaz

de interligar pessoas e países situados em territórios distantes. Os *dekasseguis*, efetivamente, representam o transnacionalismo, a transculturalidade e a transsubjetividade mais radical, ou seja, suas ações são capazes de reverberar nos planos econômico, social, político, cultural e subjetivo de povos e países situados em extremos do planeta. Num aspecto, incontestavelmente, os *dekasseguis*, mais do que outros emigrantes brasileiros, retratam fielmente o vaivém do mundo atual ou a intensa mobilidade: se deslocam com bastante frequência entre o Brasil e o Japão. Muitos *dekasseguis* já estiveram em longas temporadas de trabalho no Japão mais de uma vez; outros vão e voltam periodicamente, configurando uma situação de residência ou de permanência temporária nesses dois países. Nessas idas e vindas acontecem as mais variadas situações: um membro da família emigra, depois vão os demais; passado algum tempo, retornam juntos ou separadamente, em momentos diferentes; alguns não retornam, se fixam no Japão sozinhos ou com familiares; outros vão casados e voltam solteiros, ou vice-versa, e assim por diante.

Dentre todas as situações, uma tem chamado bastante a atenção e é o foco deste livro: a das crianças que acompanham seus pais. Em outros tempos, a criança não era objeto de interesse e preocupação da ciência ou da sociedade como um todo, sendo praticamente desconsiderada na história da imigração. Nos movimentos migratórios para a América, do final do século XIX e início do século XX, havia pouca sensibilidade para com as experiências das crianças, e nenhuma atenção era dispensada a elas. Apenas acompanhavam seus pais e se submetiam às decisões deles. Atualmente, com a ampliação do reconhecimento da criança e do adolescente como atores sociais importantes e sujeitos de direitos, começam a surgir preocupações específicas com eles entre os próprios imigrantes adultos, assim como na ciência e nas políticas públicas voltadas para a imigração.

Este livro é parte dessa guinada, relativamente recente, dos estudos migratórios, e da psicologia em particular, na direção de focalizar as crianças e adolescentes que vivem a imigração na companhia de seus pais ou familiares. Se para aos adultos a imigração é uma experiência desafiadora e até temerária, para as crianças e adolescentes

não é menos difícil, ainda que sob a proteção e tutela dos pais. Também no caso das crianças e adolescentes, as experiências são díspares até porque ocorrem em condições muito diferentes: algumas emigram com seus pais ainda muito pequenas, outras nascem no Japão; existem aquelas que vão já crescidas, com algum domínio ou sem qualquer conhecimento da língua e da cultura japonesas; algumas estudam em escolas brasileiras ou em escolas para filhos de estrangeiros, outras frequentam escolas japonesas; parte delas mantém contato diário com os pais por períodos maiores e falam português em casa, outras pouco veem seus pais no dia a dia e se distanciam cada vez mais da língua e cultura brasileiras; enfim, as experiências são heterogêneas. Quando retornam com os pais, acontece a mesma situação, ou seja, as idades variam muito, o domínio da língua portuguesa também, o estranhamento da cultura brasileira não é sentido da mesma maneira ou com a mesma intensidade; enfim, as situações são díspares, mas cada uma traz suas dificuldades para a readaptação ou adaptação à cultura brasileira. E a escola será um desses lugares onde as dificuldades e os desafios das crianças filhas de *dekasseguis* aparecem com maior visibilidade.

É exatamente a experiência de crianças e adolescentes, filhos de *dekasseguis*, que a autora retrata e analisa neste livro, fruto de uma longa pesquisa na qual acompanhou alguns casos durante anos, realizando entrevistas clínicas. A perspectiva e o olhar dos pais também são considerados, mas é a ótica da criança que é contemplada neste trabalho. Acompanhando essas crianças, desde quando regressaram ao Brasil com seus pais, a autora mostra, mediante trechos de falas, desenhos e outras formas de expressão, como as crianças e adolescentes percebem e sentem sua condição de imigrante. É possível compreender, nos relatos das crianças, os sentidos que o Japão tem para elas, como avaliam sua vida naquele país, os vínculos e identificações que ainda preservam com a cultura japonesa, as dificuldades e estranhamentos que sentem diante da cultura brasileira, os impasses que vivem, o desejo de retornar ao Japão, e assim por diante.

Aliás, é na criança que se configuram as experiências mais radicais da imigração. É nela que se materializam os confrontos culturais,

os choques subjetivos e os choques educacionais. É ela que vive, com maior intensidade, o hibridismo cultural, social e psíquico. É nela que as forças cinéticas escavam seus sulcos. Contudo, ela é a maior depositária e beneficiária dos enriquecimentos produzidos pela transnacionalidade, transculturalidade e transsubjetividade. É portadora de um capital cultural e subjetivo ampliado pela convivência com hábitos, costumes, valores, tipos de organização e de relacionamentos sociais, linguagens, formas de ser e existir provenientes de espaços do mundo bem distintos.

Como eminentes sujeitos desse tempo de movimentação, produtor de trajetividades e mudanças constantes, são elas, mais precisamente os filhos de imigrantes, que constituem os principais autores e protagonistas das narrativas transsubjetivas da atualidade. Portanto, podemos tomar os filhos dos imigrantes, os filhos dos *dekasseguis*, como modelo de sujeitos e de subjetividades que estão despontando e indicando tendências rumo ao futuro. Ao analisar o caso específico das experiências de imigração dos filhos dos *dekasseguis*, este livro nos permite refletir sobre a vida contemporânea e suas vicissitudes.

*José Sterza Justo*

Docente do Programa de Pós-Graduação em Psicologia  
Unesp-Assis